

O editorial e o debate público

Introdução

Carta dos editores por François Demers.



Este dossiê lança um olhar em relação ao gênero jornalístico “editorial”. Há muito considerado como um gênero nobre dentro e fora do meio jornalístico, o editorial – uma prática quase exclusiva à imprensa escrita – perdeu muito do seu glamour nas últimas décadas. Nos contextos norte-americano e europeu, seu declínio em termos de prestígio – mesmo quando travestido sob o formato de crônica e blog ou apropriado pelo telejornalismo e pela grande reportagem – está relacionado à decadência da mídia tradicional, sobretudo os jornais, com a reorganização do panorama midiático e do debate público após a introdução das mídias digitais. Na América do Sul, as empresas de mídia se utilizavam do editorial para expressarem sua opinião em relação a temas de interesse político e econômico. Seu declínio pode ser visto como um indicativo da incapacidade dessas organizações de assumirem um posicionamento discursivo ou opinativo no contexto atual. Também poderia ser visto como uma das manifestações de um “jornalismo de comunicação” e de um contexto de hiperconcorrência entre os meios e suas mensagens, no qual o editorial perde parte do seu poder de atração.

Este dossiê foi coordenado por Gilles Gauthier, professor do departamento de informação e comunicação da Universidade Laval (Quebec, Canadá). Ele

Pour citer cet article

Référence électronique

François Demers, « O editorial e o debate público. Introdução », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 5, n°2 - 2016, mis en ligne le 26 décembre 2016.

URL: <http://surlejournalisme.com/rev>

trabalhou em parceria com os professores David Pritchard, da University of Wisconsin (Estados Unidos), Constantin Salavastru, da Universidade Alexandre-Jean-Cusa de Iasi da Romênia, e Ana Teresa Peixinho, da Universidade de Coimbra (Portugal). Eles reuniram, neste número especial, cinco análises que propõem visões em torno da contribuição do editorial às dinâmicas do debate público – no passado e no presente. Os textos buscaram questionar as propriedades do editorial e suas condições de produção; o impacto do posicionamento editorial no espaço público e as evoluções dessas práticas a partir de perspectivas sincrônicas (nas Américas do Norte, Sul e na Europa) e diacrônicas.

Assim, David Dowling mostra como o editorial se emancipou no início do século XIX da imprensa partidária. Para isso, ele se utiliza de figuras como o norte-americano Horace Greely, a feminista Margaret Fuller ou o socialista Karl Marx. O editorial responde, à sua própria maneira, aos desafios da imprensa comercial emergente, que busca agradar a todos e atingir novas audiências nos meios populares. Para isso, ele passa a tratar de outros temas que não só a política: a condição humana dos trabalhadores, dos soldados e dos pobres. Com a participação de nomes importantes da época, uma janela se abre para a defesa de posições mais liberais ou mesmo de teor revolucionário e feminista. Em suma, o editorial progressivamente passa a responder a uma nova demanda: refletir e contribuir para a construção de uma opinião pública mais favorável a certas demandas em um determinado contexto histórico.

Guerreiro Neto chama a atenção a outra função do editorial: afirmar a identidade do jornal, trabalhar na construção de sua marca ao longo do tempo, anunciar o “nós” de um projeto partilhado por jornalistas, proprietários, leitores e demais parceiros. Por meio de entrevistas com editorialistas e do exame das trocas de opiniões entre todos os que participam de sua fabricação cotidiana, o autor mostra como os editoriais de dois jornais brasileiros, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, são parte fundamental do processo de reprodução de uma mesma visão de mundo e de uma continuidade mais ou menos coerente de tomada de posição. *O Estado de São Paulo* se situa como um jornal tradicionalista, autossuficiente e com opiniões bem demarcadas. *Folha de São Paulo* se mostra modernista, poroso e indefinido.

Já Kenneth Campbell e Ernest Wiggins partem da distinção clássica no meio jornalístico norte-americano entre o jornalismo “informativo” e o editorial, “que busca influenciar”, para analisarem um fenômeno identificado como emergente na imprensa escrita dos Estados Unidos: o fim da tendência dos

jornais de manifestarem o seu apoio a um candidato durante as eleições presidenciais [nota da redação: a última eleição, quando vários jornais de prestígio se posicionarem contra o candidato Donald Trump, poderia representar uma ruptura dessa tendência]. De modo geral, os autores atribuem esse fenômeno à queda das audiências desses jornais nos últimos 30 anos nos Estados Unidos e que leva a uma prudência excessiva por parte desses veículos, que preferem não se indispor em relação aos partidos políticos. Por outro lado, a partir da utilização do conceito teórico de enquadramento, os autores revelam como o resto do jornal continua se exprimindo por meio de ângulos e pontos de vista tomando, assim, o direcionamento desejado pelo veículo.

Com Camila Mont’Alverne, retornamos aos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, desta vez para uma análise sobre a cobertura editorial de um debate de realizado em 2011 entre a Câmara dos Deputados e o Poder Executivo brasileiro em torno do Marco Civil da Internet. Novamente, o conceito de enquadramento é utilizado. Ele mostra a forma como os dois veículos, e seus editoriais, desempenham o papel de *watchdog*. Em nome da defesa do interesse público, *Folha* e *Estado* passam a apoiar o projeto de lei ao mesmo tempo em que evidenciam suas lacunas e limitações. Os dois jornais também enfatizam o conflito entre a Câmara e o governo da presidente Dilma Roussef, espécie de prelúdio de uma batalha que, num futuro próximo, levará à sua destituição pelo congresso nacional, com o apoio dos empresários de mídia, incluindo os proprietários dos grupos *Folha* e *Estado*.

Fechando a edição, Marie-Christine Lipani analisa o caso do jornal regional *Sud-Ouest*, que tira 17 edições diferentes distribuídas por oito departamentos da França. Sua análise ecoa, de certa forma, o trabalho de David Dowling. De certa forma, os dois artigos se debruçaram em relação a um momento específico da história em que o editorial pôde afrouxar as amarras que o ligava a um grupo político específico de forma a se aproximar de novos públicos. No caso do texto de Lipani essa mesma necessidade de agradar a todos leva o *Sud-Ouest* a atribuir o trabalho de redação do editorial a quatro jornalistas. Isso facilita a pluralidade de pontos de vista e permite que o jornal desempenhe o papel de “agregador” das audiências a um tipo espaço público gerido pelo próprio veículo. Ao mesmo tempo, ele continua a “fomentar o conflito” ao assumir posicionamentos suscetíveis de indispor leitores, anunciantes, mecenas ou atores do debate público.

Ao final, os cinco artigos são ilustrativas de uma trajetória que teve início quando o editorial se definiu claramente como um prolongamento da liber-

dade de expressão do proprietário de um jornal de opinião. Ele tinha um objetivo claro: enunciar uma posição no âmbito do debate público. Sua inserção no contexto da imprensa comercial significou uma mudança. O editorial passou a contribuir para o aumento do público leitor (ou pelo menos buscou evitar a perda a audiência), buscando atrair outros leitores que não partilhavam necessariamente da opinião do dono do jornal. Na era da mídia de massa – incluindo situações de monopólio do espaço público – o editorial será marcado pela tensão entre duas grandes orientações: defender uma opinião sectária e atingir potencialmente a todos. No tempo dos oligopólios, ele passou a autoneutralizar o seu poder

retórico de fomentar controvérsias, de forma a não se indispor com ninguém. Atualmente, em um movimento pendular, o aumento da mídia segmentada e a preocupação identitária não poderiam libertar o editorial dessa obrigação de agradar a todos e conduzi-lo novamente à afirmação de uma marca e de uma opinião bem delimitada?

Cristiano ANUNCIÇÃO
Fábio Henrique PEREIRA
Tradução

